

O SONHO IBERICO

D. Manuel de Bragança, criticando o sonho ibérico de Afonso XIII, chamava-lhe Filipe II... Júnior. (Dos jornais).



ZÉ POVINHO — Foi pena não teres vindo... Verias como, em luzido arraial, eu te receberia nos campos de Aljubarrota... "braço às armas feito".

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00

Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00

Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00

Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Companhia do Papel do Prado

(Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada)

CAPITAL -- ACÇÕES 7.000.000\$00

Tem em depósito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de máquina contínua ou redonda e de fôrma.

SEDE EM LISBOA

Direcção e Escritórios

Rua dos Fanqueiros, 278-2.º

DEPOSITOS

LISBOA _____

270, Rua dos Fanqueiros, 276

PORTO _____

49, Rua Passos Manuel, 51

Proprietária das fábricas do Prado, Marianaia, Sobreirinho (Tomar), Penedo, Casal d'Ermo (Louzan) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha).

Instaladas para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indústria.

Números telefónicos:

LISBOA—22332

PORTO—117

Enderêços telegráficos:

LISBOA { **PELPRADO**
PORTO {

MARIA RITA é impresso em papel da "Companhia do Papel do Prado,"



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Minha gorducha MARIA RITA:

Estou longe de ti há uns dias. E isto de estar longe duma mulher que, não nos consumindo muito, nos obriga no entanto a consumir os miolos de oito em oito dias, é quasi comparado a uma viagem no combóio misterioso. Deixei as tuas fraldas e vim acaçar-me noutras. Nas de um monte que, não tendo direito a vir num mapa, se encontra contudo no *calendário*.

Não julgues que falo da folhinha. Essa, para mim, já não tem fôlhas disponíveis; virei-as tôdas do avesso, por-



que onde elas marcam bom tempo, é chuva com certeza, e o contrário não será para admirar também. Aqui o *Calendário* é outro: é uma risonha freguesia de Famalicão, onde ainda o egoísmo não entrou, e se dão muitas coisas. Dão-se as boas-tardes a tôda a gente, e dá-se a gente a uma preguiça mais amolecida do que a paciência de um pagador de contribuições.

Estou por aqui tão longe de ti como do mundo. E o que me chega cá, com umas horas de atrazo, obriga-me a admirar um terníssimo casal de pombas mansas que arrulha interminavelmente sob os esteios do meu quarto. Vê tu: há guerra na China. A Manchuria parece uma mão negra. Há lutas fratricidas na Alemanha. São intestinas?... Não; são figadais. Há conflitos sangrentos na Espanha; ali deixaram a bombazina dos fatos e tornaram os factos a bombazinha. Da Rússia nem te falo... Vejo tudo por lá muito vermelho.

Do Brasil, como sabes... não podes saber nada; onde digo digo, digo que não digo nada, porque os outros já disseram que tinham dito êles; mas já há mais de mil e quinhentos mortos, e aqueles nomes muito estapafúrdios, que na noutra revolução nos faziam rir imenso, fazem-nos desta vez vir as lágrimas aos olhos.

No Brasil, hoje, já ninguém percebe nem recebe nada.

E na Bolívia então, vai um clamor tão grande, um ardor marcial tão ao rubro, que já se ouve no Paraguay e fêz arrebiter as orelhas à Sociedade das Nações.

Como sabes, esta sociedade não está incluída nem no Grupo A, nem no Grupo C dos contribuintes portugueses; é provável que, por isso, estando fora da lei, não consiga harmonizar as partes e acabe por servir o Peru e o

doce de Chile aos contendores, com a sua voz *argentina*.

Veremos, MARIA RITA; mas o que eu não posso deixar de ver, entretanto, é esta doce comunhão dos dois pombinhos que se beijam de cinco em cinco minutos e catam um ao outro o piolinho.

*

Nas ilhas de Honolulu, as mulheres sofreram uma depreciação de 60 %, segundo vejo nos jornais. Vê tu; baixaram as mulheres!... O que se pode



Entre amigas



—E' uma doida sem vergonha nenhuma. Imaginem Vocês que abandonou o pobre do amante e anda outra vez metida com o marido!

depreender disto, MARIA RITA? E' que as mulheres não são um género de primeira necessidade, porque êsses não baixam nem à mão de Deus Padre.

Mas também não são coisa assim para baixar tanto. Admito logicamente uma depreciaçãozinha; 30 %, talvez... Por isso, achava conveniente que tu, com a importância que tens, pedisses ao governo de Honolulu que fizesse o mesmo com as mulheres, que o nosso fêz com o vinho: tabelasse o preço mínimo. Desta maneira, que entre nós serviu para evitar as taxadas, serviria lá para evitar as desgraças matrimoniais. Mulheres com 60 % de abatimento, é de a gente ficar bêbado.

Vês, MARIA RITA: há pouco falei-te de pombas; agora falei-te de borrachos.

Afinal, vem tudo a dar na mesma: são penas que me ficam e que eu te endosso com o abraço de sempre.

Teu

Marcial Jordão JÚNIOR.

Balancete da semana

Disse Voltaire ou Lamennais, — não sei
se foi aquele ou este, — que ser Rei...
Perdão. Foi o Anatole
— cujo illustre cadáver inda bole
com alguns « terciários » Ameais
mais que perfeitos, mais! —;
pois é verdade: Disse Diderot...
Tem muita graça! Só
agora é que encontrei o autor da frase.
— Se não foi Diderot, que o céu me arrase!
« Um Rei, é um conjunto
de perfeições que pela Vida fora... »
Espera. Agora! Agora!
Espevitando o trágico bestunto
descubro, enfim, o autor.
Amigos: Foi Chamfort!
Portanto, diz Chamfort que um bom Monarca...
Enganei-me. Quem disse, foi Petrarca,
num soneto doirado...
« Um Rei » — disse Petrarca, em verso alado —
« é um conjunto de... »
Foi o Rostand,
uma bela manhã
no seu castelo, em Pau...
Ou Octávio Mirbeau.
Enfim... Um deles afirmou, que um Rei,
« é um conjunto de... »
Leitor's: Não sei
se o pai da dita frase pertencia
à douta Academia...
.....
A verdade, porém, meu bom leitor,
é que já me esqueceu frase e autor!

* * *

E a mania dos « papos-sêcos », sem
chapéu cobrindo a tola?
Que perturbantes trunfas! Vai-se à viola
o coração das damas, e também,
até falece, aos gritos,
o de vários cinéfilos, bonitos
como arcanjos do céu!
Tantos cabelos pretos
e castanhos, ao léu!
Té respiram melhor alguns insectos...
.....
Usar chapéu, que seca!
.....
Exibir a careca
não é crime nefando, julgo eu.
...E se a mostrar, — mostro o que Deus me deu!

Frei-SATAN.

António Gomes

Acompanhado de sua espôsa, de-
nos há dias o prazer da sua visita o
illustre artista teatral Sr. António Gomes,
um dos mais distintos membros da
Companhia Sales Ribeiro, que ora actua
no Teatro Sá da Bandeira.
Muito gratos pela sua gentileza.

CORNETA MUNDANA

Partidas e chegadas

— Acompanhado por sua extremosa
família, incluindo nesse número a sua
gentil, fresca e bondosíssima sogra, re-
tirou para Entre-Quintas, onde possui
uma confortável vivenda, o nosso bom
e querido amigo Flores Branquinho,
conceituado comerciante desta praça.

Os jornais de todo o mundo, refe-
rindo-se aos sucessos da Alemanha,
afirmam que os hitlerianos pensam em
implantar novamente a monarquia.
Novamente? Mas então, ó meninos,
a Alemanha alguma vez foi República?
Estes hitlerianos, com anos ou sem
anos, são levados de seiscentos boches
Se o Hindemburgo cair, e fôr para
o trono o Kaiser ou o Kronprinz, não
há uma mudança de regime.
Há, simplesmente, uma troca de reis.

A luz no Pôrto vai subir. Para um
cidadão ter uma lâmpada de 50 velas
no quarto, é preciso possuir um rendi-
mento de milhares de escudos por mês.
O mais curioso é que, quanto mais
a luz sobe, menos se vê. Não admira.
Para se ver bem, era preciso que ela
baixasse. Ainda havemos de ouvir diá-
logos como este:
— Sabes? Fiz o ano passado um ne-
gócio esplêndido; tive de lucros líqui-
dos perto de seiscentos mil escudos.
— Bravo! Parabens! E que fazes a
tanto dinheiro? Vais comprar algum
palacete?
— Não. Vou pôr no meu quarto de
dormir duas lâmpadas de 25 velas!...

Os jornais tem publicado o seguinte anúncio:

«Vício da embriaguez

O melhor remédio é o «Vin-Contre-Preço escudos 60\$00. Farmácia Cunha.»

Como é que um pobre artista que
aufere um salário reduzido, há-de poder
comprar a tal droga?
Sessenta escudos?!
Mas por êsse preço bebe êle três al-
mudes do verdasco e ainda lhe sobra
dinheiro para comprar o «Elogio do
vinho», do Dr. Samuel Maia!

Os senhores seguiram, certamente,
o relato do julgamento de Gorguloff.
Se leram com atenção os jornais
repararam que, a certa altura, quan-
do o assassino de Doumer interrompeu os
médicos alienistas, fê-lo de maneira que
duma das vezes, «o público riu demora-
damente» e doutra vez, «o tribunal
rompeu numa gargalhada geral!»
Isto passou-se em Paris de França
no tribunal do Sena, durante o julga-
mento do assassino do primeiro magis-
trado da República Francesa!!!
E ainda não tinham decorridos três
meses após a tragédia!
Em Portugal, — honra nos seja! —
caso nunca poderia acontecer, e nunca
os disparates de Gorguloff teriam
dom de fazer rir quem trazia o cora-
ção enlutado por tão miserável crime.
Mas nós não somos patriotas, nem
civilizados, nem Lisboa é o cérebro do
mundo... Graças a Deus!

Porque sobe a Luz?

Várias perguntas com resposta

Mais cara, a luz eléctrica?—Mas, aqui para nós, mais cara porquê?

E o munícipe cogita, de dedo espetado na frente e um arrepio na medula, atarantadíssimo, sem saber onde se meter e como arranjar a porca da vidinha...

Mas é lógico que o preço da luz eléctrica suba?—E se sobe, porque é que sobe? Qual a razão misteriosa que força a nossa encantadora Edilidade a esse gesto insólito e inesperado?

E MARIA RITA, bisbilhoteira e curiosa como tôdas as senhoras que passaram já das quarenta primaveras, resolve folhear as personalidades mais em evidência no meio das Tripas, a-fim-de elucidar o leitor aflito.

PORQUE

encareceu a luz?

OPINIÕES E OPINIOAS

Não podia deixar subir o preço da electricidade, porquanto os números que apresento falam como gente grande:

Um electródio múltiplo, com vibrações concêntricas, dá o seguinte resultado, visível a olho nú:

$$b \times \frac{b'}{240} \times w''' \times 1 = 300$$

Não é verdade?

Ezequiel de Campos.

Permita V. Ex.^a, meu caro colega e chefe, que eu acrescente:

$$b' \times \frac{b}{300} \times w \times 1''' = 240$$

Já vê que a Câmara pode fornecer a luz ao preço antigo...

Costa Marques.

Se o preço da luz aumenta, é porque N. S. J. C. assim o ordena.

Jesus, Maria, José.

Manos Torcatos.

Nestas questões de dar à luz, os preços subiram...

Maria Monteiro.

A luz é como a mulher: Quanto mais cara e inacessível, melhor.

Abaixo a mulher!

Ab. de Santo Ildefonso.

A luz!... A corrente!... Um par de pilhas!... Uma pèra eléctrica!...

Sales Ribeiro.

Sim. A luz deve subir
E subir sempre, sem trégoas,
—Porque a brilhar e a fulgir,
Afoita da Flandre as névoas!

Barata da Rocha.

Os "papo-seco"

O *papo-sêco*, o bomzinho do dandy da rubra bôca, merece aqui um cházinho... Que nos perdõe o *pinôca*!

Sem colete e sem chapéu, e de peito à fresca, é vê-lo: bem besuntado o cabelo, de lúzia cabeça ao léu!...

De lhe dizer dá-me gana, vendo-o assim, quási sem fato e tão par'cido c'a mana: — Menino, tenha recato!

João do MINHO.

PERFIS DO PORTO

XV

GOMES TEIXEIRA



Do amor, da mulher e de alguns homens

(Pensamentos corrosivos, mas que nada teem de sublimados).

A alma duma mulher é como a duma peça de fogo. Um espaço ôco, vazio, apenas preenchido de quando em quando por metralha que nos mata.

Oh! As crianças! Que adoráveis! Do sexo feminino, e depois dos dezassete anos de idade!

Habituei-me a dividir as bôcas das mulheres em três grandes grupos: Para beijar, para mentir e para morder.

...Porque secreto prodígio da natureza, as há que reúnem os três grupos numa só bôca?

Dizem que a mulher é um dos mais belos quadros da natureza.

...Por isso tão caras ficam as molduras que elas usam!

Porque será que todos os anjos são masculinos (pelo menos assim os representam) e as bruxas, megeras e parcas são femininas?

Conheço uma mulher por cuja fidelidade conjugal podia pôr a cabeça num cepo. Foi Eva no Paraíso.

...Se lá não havia mais homens!...

Disse um filósofo mordaz que as mulheres são animais de cabelos compridos e ideias curtas. Eram, porque as de agora teem cabelos curtos e ideias curtas.

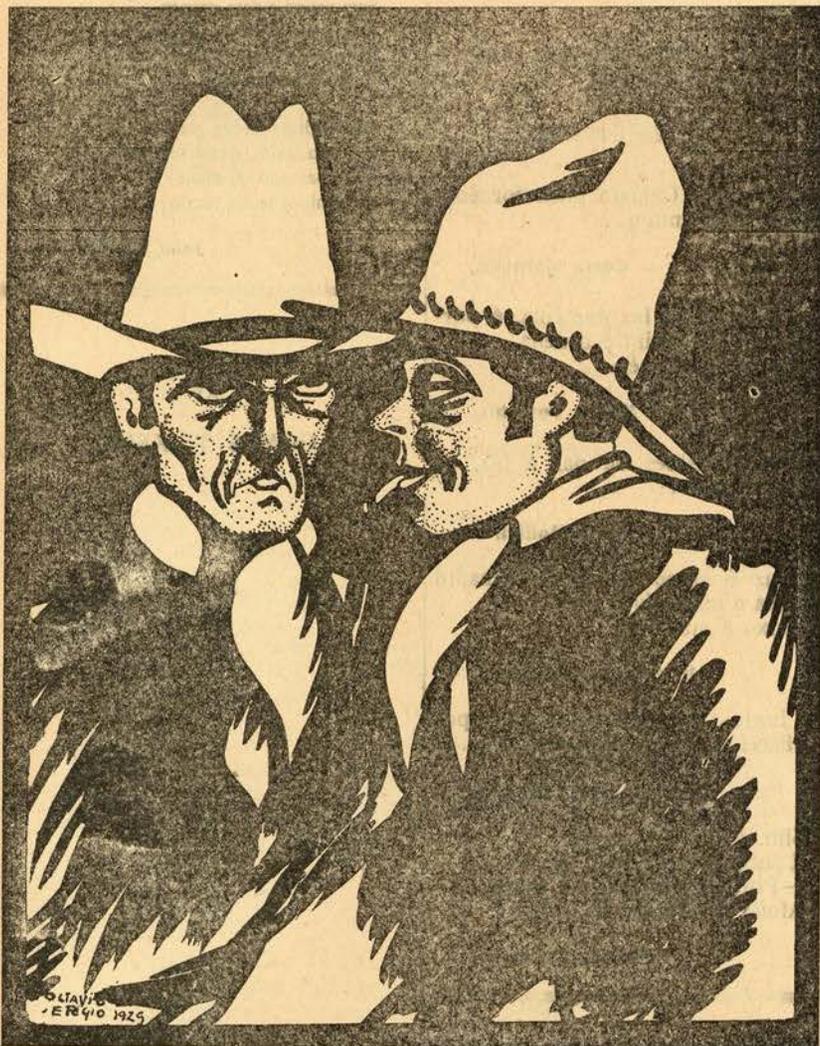
...Resumindo: são curtas em tudo.

Dr. KNOX.

Matemático e devoto eminente.

A VIDA E A MORTE

XVI
O CINEMA



— Nós somos bandidos amadores, mas o público, convencido, ficará sábio e profissional.

A RUA

Era noitinha já. De bôrco sôbre o pó,
Um corpo estiraçado. Cena pobre, triste.
Nem todo o coração a coisa assim resiste!
Vidas tam sombrias e que nos causam dó!

Já ao seu redor, de gente uma mó,
De olhos marejados, com ternura assiste.
Assim tanta bondade é bom que se registre!
E também caridade, não é bondade só!

Deixá-lo estar, que talvez, sossegadinho,
Passará melhor. Como cabeça ôca
Tenta erguê-la. Vira-se devagarinho.

Está melhor? Que lhe doi, santinho?
Ergue-se a custo e abrindo a bôca...
Deitou uma larga baforada a vinho!

A. M.

Uma grande caçada na Serra da Estrêla

Ricon Peres caça uma lôba

Ricon Peres, destemido caçador-engenheiro, acaba de praticar uma façanha que deixa a perder de vista o Tartarin de Tarascon!

Na penúltima viagem do combóio-mistério, em plena Serra da Estrêla, deu-se um acontecimento horripilante que podia descambar na mais sangrenta tragédia!

Quando todos os viajantes se encontravam a fazer o quilo, após o suculento

almôço, surgiu inopinadamente dentre as selvas virgens da neve, quente pelo sol de Julho, uma autêntica fera que dava pelo nome de lôba!

O pânico invadiu todos os viajantes, que se conservaram imóveis, presos por um pavoroso receio.

Foi nessa ocasião que o grande caçador Ricon Peres avançou ao encontro da fera, e disparando três tiros com uma bengala malaca que trazia, prostrou-a, morta, no chão, por entre os aplausos delirantes dos companheiros de viagem.

A lôba, antes de falecer, voltou-se para o seu algoz, e disse-lhe — «E's um herói. Leva-me para o Hotel do Pôrto e manda-me assar no espêto. Sou um bom petisco para ti e para os teus colegas rotários».

Ricon Peres não acedeu aos desejos da vítima. Meteu-a no bôlso do colete e foi oferecê-la ao Palácio de Cristal.

Grande alma a dêste caçador! Viva a caça!

Sobe tudo, minha gente!

A LUZ E A CARNE

Para bem dispor o Zé Povo, que nada em notas do Banco de Portugal, a acompanhar o aumento da energia eléctrica veio a subida da carne.

Um raio de luz e um bocado de fêvera custam os olhos da cara, e, não chegando estes, tem de se pôr os outros olhos em praça, para ver se se consegue dinheiro para um bifezinho de vitela.

A carne, com o frio, sobe ou desce?

Os honrados marchantes, — amigos do Povo até ao sacrificio! — atiram com as culpas para cima da Câmara, expondo num manifesto suculento e bem pesado as razões que lhes assistem.

Dizem êles que o motivo da carne subir se deve aos frigoríficos que a Câmara mandou vir!

Ora, com franqueza, nós não acreditamos.

Tôda a gente sabe que a carne, com o frio, não sobe, antes pelo contrário desce.

Para a carne subir o que se quer é calor, muito calorzinho, quanto mais calor melhor!

Amigos marchantes, tenham paciência, mas essa coisa dos frigoríficos fazerem subir, não pega.

Ao contacto do frio, tôda a carne desce, tanto faz ser da fralda como do óculo!



Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-

Ainda e sempre o «Ecos de Cacia»

Sôbre este caso, que vimos tratando carinhosamente há sete números, recebemos a carta que vamos transcrever.

Estarreja, 21 de Julho de 1932.

Ex.^{ma} Directôres do MARIA RITA

Porto.

Por acaso, li esta semana o jornal de «V. Ex.^{as}». Sei perfeitamente que se dedica apenas ao humorismo, mas nem sempre tôdos estão de «bom humor».

Fazer pouco dos outros não está certo, por que «o sol quando nasce é para todos». Se V. Ex.^{as} são «espertos» e «sabadôres», os outros que o não são, também tem direito à vida. «O sapateiro nunca deve passar além da chinela». Quero referir-me aos artigos referentes ao Ecos de Cacia. Que tem «V. Ex.^{as}» de criticar e pôr por terra as obras dos outros? Se hoje não é bom, amanhã será melhor. Não há nada mais feio e mais baixo do que rebaixar os outros, principalmente quando o officio é o mesmo ou semelhante.

Cada qual trata da sua vida e deixa a dos outros. «O macaco olha o teu rabo, deixa o rabo dos visinhos».

Sem outro assunto

P. S.

Quem é este sr. P. S.?

Não sabemos. E um post-scriptum que não decifra nada.

Sabemos no entanto que o sr. P. S. veio à arena defender os *Ecos de Cacia* e que se esqueceu do cavaleiro. O resultado foi desatar a escoucear a torto e a direito, chegando a atingir-se a si mesmo e aos mestres de português lá do jornal da região.

E chama-lhes macacos, sapateiros, diz que o jornal não é bom, e entende que o sol quando nasce é para todos. Enfim, a sua carta, feita quasi tôda em provérbios e frases feitas, esqueceu-se de incluir uma que lhe ficava a matar: Muito b... cria o pão de Deus.

Como se fôsse possível que nós, os da MARIA RITA, disséssemos mal dum jornal que traz coisas destas; final dum artigo parangonal sôbre o sr. D. Manuel:

NOTA — O original deste artigo estava já composto desde os primeiros dias desta semana.

Pouca sorte é a dum semanario que tem de aguardar sete dias impacientes para ter lugar nas suas colunas, e dizer em primeira mão o que os outros anteciparam... por saírem antes!

Bem de-certo o articulista queria que êles se antecipassem por saírem depois... E quanto aos sete dias impacientes cá nos ficam também.

Agora a parte poética:

*Sem teus olhos, te confesso não viveria,
um só instante de prazer. Oh! luz querida,
que me inspira, que me mata e me trucidada
quando não vejo os teus olhos, oh! Maria.*

Oh! Maria! Esta luz com certeza que mata, que inspira e que trucidada é a da Câmara com o aumento de 20 por cento. Achamos da máxima conveniência que a Maria mostre os olhos ao trovador quando não, ainda o havemos de ver morto por ter ingerido uma pera eléctrica de 120 volts.

E as correspondências do costume:
De Angeja:

Doentes

Encontra-se bastante doente a Sr.^a Maria Marques Pereira, a qual já foi sacramentada.

A doente desejamos-lhe a continuação das suas melhoras.

Não brincamos com o assunto; mas se fôssemos parentes, querelávamos o correspondente.

De Mataduços:

Abaixo assinado

Segundo consta, uma comissão de Senhores da mais alta aristocracia, cá do burgo, vai muito em breve sair com um abaixo assinado, protestando contra do horário do enserramento dos estabelecimentos, dizendo algumas madames que isto assim não convem, que os seus maridos não tem a onde se tenterenham que o Largo das 2 Igrejas, dantes era mais concorrido apresentando um aspecto mais agradável, e havia mais concorrência aos Marquêses, pois agora o sítio largo de tão alegre que era, se tornou triste, não se ouvindo já ali o Jaz-band; apenas só o piar do môcho: Na verdade o Jaz sempre fás criar outras sensações! — Correspondente.

Isto é que é português de lei, português autêntico. E as madamas lá do burgo a saírem de casa com um abaixo assinado para que o Jaz lhe crie novas sensações! Arre diabo! Que já é vontade de gozar!

Mas o que nos parece descabido de todo, é este bocadinho que vão ler a

seguir, e que faz parte de uma notícia de Cacia:

No domingo houve missas, ermão, e em seguida saiu uma linda procissão que deu volta pelas ruas de Cacia, as quaes se encontravam convenientemente juncadas pelos seus briôsos havitantes.

Estão Vossas Excelências a ver as ruas de Cacia, juncadas convenientemente pelos seus briôsos havitantes, e a procissão a passar por cima dêles, como se fôsse por cima de buxo e de junquinhos. Estamos daqui a ver a cabeça do redactor principal a ser mimoseada com uma sapaterra do sacrista cheia de carda macia.

E depois disto, digam-nos lá se o Sr. P. S. tem o direito de sujar uma fôlha de papel tão lindo?...
■

Esta agora é do jornal

“Defesa de Espinho”

do qual transcrevemos um recorte de uma notícia:

Deus queira que o tratamento a que foi e está sendo submetido, seja coroado do melhor êxito, para mitigação do nosso Rv.^{mo} Vigário, a quem a freguesia muito deve, não só moral mas também fisicamente falando.

Esta coisa de uma freguesia dever a um padre moral e fisicamente falando, não se compreende muito bem. A não ser que os afilhados sejam muitos...

Já outro dia, o nosso ilustre colaborador Marcial Jordão dizia na sua *Crônica anacrônica*, que Portugal era o país de mais nascimentos e de maior número de padres. Seria firmado nisto e que o articulista escreveu aquele *fisicamente?*



A CAUSA MONÁRQUICA

D. Duarte Nuno ou quê? — Diz-saqui a última palavra de crítica política — Depoimentos de pessoas categorizadas

da Póvoa fora, em demanda de Belinho, do conselho de Espozende.

Pinheiros e campos floridos, policromos cartazes, voluptuosamente arranhando as nossas retinas estandardizadas, como se os nossos olhos fossem os do Sr. António Ferro.

Céu azul, mar, montanhas. Por fim, Belinho. Depois de apeados e limpos da poeira, entramos no salão do grande Poeta Correia de Oliveira, que mostra ainda os sinais evidentes de fadiga pelos estudos a que foi obrigado como quintanista da Universidade de Coimbra. Recebe-nos de braços abertos que nem asas de águia real.

— Muito prazer — disse o Poeta, com voz de passarinho recém-nascido — queira sentar-se...

Como o nosso assento é dos mais respeitáveis, sentamo-nos em duas cadeiras, para prevenir qualquer desastre.

— Vimos entrevistá-lo, Mestre, sobre a mo-

MARIA RITA, porque é um órgão de lara-cha, foi, segundo as indicações preciosas de uma oportuníssima carta anónima, arvorado em órgão oficial da Causa Monárquica.

Os escritores anónimos, sobre covardes, idiotas, raras vezes conseguem escrever coisa de jeito, mas o benemerito que em papelucho filho de pais incógnitos teve a ideia de nos considerar órgão oficial da Causa Monárquica, acertou muito mais do que esperava.

Por demais ridícula no século vinte, a Monarquia, faraônica múmia de museu, só em periódico humorístico pode ser levada... a sério.

E', pois, a sério, segundo a nossa seriíssima índole, que nos vamos hoje ocupar da momentosa questão da sucessão dinástica, posta em equação pelo prematuro desaparecimento do Senhor D. Manuel II.

Por tal, jornalista acima de tudo, MARIA RITA arquiva hoje o depoimento de alguns monárquicos categorizados, dando à estampa, em vez da contundente caricatura, a grave e solene fotografia, expressamente feita para a nossa formidável reportagem, que há de ficar na história como o suprasumo dos grandes triunfos jornalísticos.

Em Belinho — Ouvindo António Correia de Oliveira

Chovia a chuva miúdiinha das grandes reportagens. Chovia como se fôsse no *Diário de Notícias* ou no *Século*.

O nosso *Opel*, deslizava suave pela estrada

mentosa questão da sucessão dinástica em Portugal — disse o jornalista.

O Poeta, de olhos lânguidos e porventura maternais, tem um gesto de enfado.

— Sim, V. Ex.^a é, pela sua alta categoria de Bandarra do nacionalismo extremo, tão sinceramente cantado na *Hora Incerta*... da República Portuguesa que melhor pode falar sobre este nacionalíssimo assunto — atalhou o jornalista.

António olhava de soslaio uma admirável sangüinea de Carneiro, metendo distraidamente um dedo no nariz, vício que lhe ficou das grandes lucubrações poéticas. E passando a pilula pelos magros e longos dedos, de olho semicerrado, pôs-se a dizer muito baixinho:

Monarquia, sim, sim, sim.
República, nunca, não.
Sim, pim, pim, pim, pim, pim, pim.
Viva El-Rei. Dão. Dão. Dão...ão.

Pelo dobrar dos sinos, o repórter arguto percebeu que o Mestre se referia às exéquias reais.

Interrogou então:

— Mas, Mestre divino, morto El-Rei, quem vive agora no vosso genial entendimento?

— Morto El-Rei —olve o luso Horácio — só El-Rei deverá em nós viver. Morreu D. Manuel? Pois viverá em nossa alma como El-Rei Saúde.

Na torre da paróquia acabavam de soar as três badaladas da tarde menos cinco em ponto,

hora moderna. Na sala de jantar o cuco de um relógio tradicionalista deitava a cabeça de fora e anunciava o fim da entrevista: Cu-cu! Cu-cu! Cu-cu!

Revertendo ao auto, que esperava à porta de perna cruzada, bocejando de chatices, o jornalista, já refastelado nas almofadas, piscou o olho a si mesmo e disse: enquanto a Saúde reinar, bem estão os republicanos.

Depõe Jorge Colaço — As convicções e os azulejos

Jorge Colaço, com seu perfil de grande senhor marroquino, recebe-nos no seu *atelier* de Sacavém, e com o ar mais cerâmico do globo terrestre — coíando a barbicha alvi-ruíva, que aliás não é para coifanças, disse:

— A que Sacavém o meu amigo?

— Entrevistá-lo para o grande jornal MARIA RITA, o mais quotidiano de todos os semanários.

— Pois, ver-me e entrevistar-me é obra de um momento, meu caro Senhor. De resto, yo no puedo olvidar, que mi hijo, el D. Thomazito (Jorge Colaço, de vez em quando fala espanhol) es uno assiduo colaborador de eso grande periódico. Mas pregunte; pregunte usted lo que le de la realissima gana.

— Queremos saber a sua opinião sobre a sucessão dinástica... — objectivou o repórter.

— Monárquico. Sempre monárquico. Só pinto com azul. Azulejo, sempre azulejo...

— Mas, morto El-Rei... — reticenciou o jornalista.

— Morto El-Rei, só resta aos dirigentes da causa monárquica encarregarem-me de pintar a história da Monarquia em *panneaux* de azulejos e mandá-los em seguida para os museus do Estado. O estado, sim senhor... E' este o estado a que a Monarquia chegou.

António Cabral, o último dos Cabrais, assim falou

O Sr. Conselheiro António Cabral, dados os últimos retoques nos tauromáquicos bigodes, recebe-nos com a afabilidade que é apanágio de todos os conselheiros.

— Ah! E' por causa da questão dinástica? Nem uma palavra. Os monárquicos são uns traidores. Digo-lho eu que os conheço bem. Aderiram todos à República sem minha licença. Miseráveis. Miseráveis é que são.

Quisemos saber mais algumas opiniões, mas o Senhor Conselheiro, escusando-se, vai-se direito a uma grafonola eléctrica em estilo de mesa de cabeceira e põe um disco a tocar.

Enquanto o jornalista se despede da grande figura do passado, que fica passada de tristeza comovedora, o disco, girando na grafonola vai reproduzindo a cançoneta:

«E uma velha que tinha um gato...
E debaixo da cama o tinha.»

Lá do alto da escadaria, o Sr. Conselheiro, hirtito, impecável na sua elegância de colarinhos fora da moda, diz:

— Não sei se percebe bem... A velha é a Monarquia e o raio do gato maltez, que tanto

aflige a coitada, representa aquela parte dos monárquicos que aderiram à República.

O jornalista, que é reinado de nascença, não pôde resistir. Sob as escadas num pulo, e, dando uma palmadinha na inverosímil barbiguinha do Sr. Conselheiro, brada, cheio de entusiasmo: — E's um camaraduncho, ó velhote.

Fala Antero de Figueiredo escritor nacionalista

Para encontrar o ilustre escritor e nosso querido amigo, tivemos que ir a Toledo. Lá o encontramos em uma fábrica de espadas de carregar pela boca a estudar as lâminas. De luneta aposta sobre a nobre bicanca, o acadêmico, examinando uma espada que está para ser reparada, diz-nos: Olhe, esta pede aço, quasi que só tem o punho. Não há duvida... pede aço...

Nisto, uma riquíssima toledana passa junto a nós, muitíssimo guapa.

O jornalista, de baba ao canto da boca, balbucia de olhos em alvo:

— Não há duvida nenhuma, Doutor — pede... aço. Mas que ped... aço.

— Então, o que o traz por aqui, meu amigo? — perguntou por fim o sempre jovem ancião.

— Entrevista, meu Doutor; uma entrevistazinha sob a sucessão dinástica — respondeu o repórter.

— Ah, meu amigo, considero morta a causa monárquica. A Monarquia define-se hoje com o titulo de uma das minhas obras primas — *Doída de amor*... De resto, monár-

quias mais exigentes... O amigo desculpe eu falar-lhe sempre das minhas obras primas... mas eu sou muito familiar... Os republicanos é que andam no *Toledo*... Perderam de todo o juízo.

— Mas, morto El-Rei... — reticenciou o jornalista.

— Morto El-Rei, só resta aos dirigentes da causa monárquica encarregarem-me de pintar a história da Monarquia em *panneaux* de azulejos e mandá-los em seguida para os museus do Estado. O estado, sim senhor... E' este o estado a que a Monarquia chegou.

António Ferro diz que sim e mais que também

O nosso metalúrgico amigo e simpático camarada do *Diário de Notícias* recebeu-nos com o estandarte a meio pau... O humorismo não é bem o seu género... Só se fôr mesmo a sério.

António Ferro, assim como por engano tratou a rainha Senhora D. Amélia por Excelência, cometeu connosco a *gaffe* de nos tratar por Eminência...

As grandes atrapalhações dos grandíssimos espíritos, já se deixa ver...

Dito o fim que nos levou a procurá-lo, o Sr. António Ferro assim falou:

— Olhe, eu sou republicano de sempre, mas a verdade é que diante das Magestades fiquei verdadeiramente comovido. Que quere? Sou um sentimen... tal e qual sem tirar nem pôr. Quem quiser que me atire a primeira pedra. Você compreende, eu sou acima de tudo, um homem de teatro... Os grandes espectáculos de dor comovem-me. Não sei porquê, lembram-me as minhas noites de Glória em que o Canelas e o Correia da Costa ficam doidinhos de todo... Republicano sou, lá isso juro-o pelo êxito da minhas peças, mas acho que é indispensável eleger um Rei. Os Reis são os estandartes das nações civilizadas no Mar alto do

mundo... De resto eu sou republicano elegante... A vida sem reis não presta. Os reis são os aperitivos koktailizantes das democracias nevrosadas...

E a terminar, num repto de entusiasmada eloquência: Viva a República. Viva Sua Magestade El-Rei... qualquer que ele seja.

O éco, em Cacilhas: Vivó! Vivó! Vivó!

Depoimento real — Fala mestre Carlos Reis

Com sua cabeça polvilhada de neve, Mestre Carlos Reis, no *atelier* da Lousã, diz-nos com invulgar sinceridade a sua opinião sobre a já citada momentosa questão...

— Entendo, Sr. Redactor, que sendo eu e o meu bem amado filho João os únicos Reis de verdade que existem em Portugal, não tem o

— Eu, meu amigo —olve o nosso camarada — depois daquela tarefa do António Pedro da «Revolução», sinto-me completamente desautorizado...; em todo o caso, é minha convicção que os monárquicos não tem outro caminho a seguir do que aderir à República.

— A qual República se refere você, Armando? — perguntou o assaz sagaz repórter.

— A uma delas. Em questões de regime alimentar, creio que já os monárquicos não tem autoridade para discutir...

— Você sabe que é hoje considerado pelos monárquicos um verdadeiro traidor?

— Sei, sim, senhor. Mas o que é curioso é que eles me considerem traidor, só porque às vezes parece que eu vou fazer o que eles todos já fizeram há muito: aderir à República.

E a terminar: eu fui amigo íntimo do Senhor D. Manuel e sei bem o que ele pensava dos monárquicos portugueses...

— De maneira que... — interveio o jornalista.

— De maneira que só resta aos monárquicos constitucionais bradarem comigo: Viva a República!

Conselho da Causa Monárquica outro caminho a seguir senão eleger um de nós. Eu, por mim, estou velho e além disso chamo-me Carlos, o que não seria de muito bom agouro; mas o meu bem amado João, esse bem poderia continuar a dinastia joanina com evidente brilhantismo. Abdico desinteressadamente no meu já citado bem amado, porque estou sinceramente convencido de que Sua Magestade Fidelíssima haveria de nomear-me pintor da Casa Real.

Depõe o jornalista Armando Boaventura

Az do pedal político, Armando Boaventura, que nesta hora cômica da política universal tem um lugar de grande destaque, abordado por nós, acede gentilmente a deixar-se entrevistar.

Assim começou o jornalista:

— Armando, você, que é, sem duvida o jornalista monárquico mais republicano do Universo e Ilhas adjacentes, deve ter coisas muito interessantes a dizer-nos sobre a sucessão dinástica. E o seu precioso depoimento, se não valer mais nada, tem pelo menos o valor de irritar os monárquicos de ambos os sectores: constitucionistas e integralistas...



— Eu, meu amigo —olve o nosso camarada — depois daquela tarefa do António Pedro da «Revolução», sinto-me completamente desautorizado...; em todo o caso, é minha convicção que os monárquicos não tem outro caminho a seguir do que aderir à República.

— A qual República se refere você, Armando? — perguntou o assaz sagaz repórter.

— A uma delas. Em questões de regime alimentar, creio que já os monárquicos não tem autoridade para discutir...

— Você sabe que é hoje considerado pelos monárquicos um verdadeiro traidor?

— Sei, sim, senhor. Mas o que é curioso é que eles me considerem traidor, só porque às vezes parece que eu vou fazer o que eles todos já fizeram há muito: aderir à República.

E a terminar: eu fui amigo íntimo do Senhor D. Manuel e sei bem o que ele pensava dos monárquicos portugueses...

— De maneira que... — interveio o jornalista.

— De maneira que só resta aos monárquicos constitucionais bradarem comigo: Viva a República!

O leitor não percebeu afinal, pelos vários depoimentos que aí ficam, se teremos ou não sucessor.

D. Duarte Nuno ou quê?
Por nós, somos de opinião que poderiam até nomear-se trinta sucessores.

O que são, feitas as contas, com a constante desvalorização da moeda, trinta reis?

Reine a divina paz entre os portugueses e não haja sangue por uma questão que não chega a valer um pataco.



Brevemente a

MARIA RITA

iniciará outro grande e honesto CONCURSO, entre os seus numerosos leitores.



Portuenses:

Amanhã, no Campo do Lima, a Rainha da Beleza da Colônia Brasileira vai cumprimentar os reis da bola portuenses! E' preciso, que ali mesmo, e no momento em que as engraçadas mãos da nossa compatriota deponham os trofeus que os nossos irmãos de além-mar enviaram, as vossas mãos, portuenses, fiquem sem concôrto por dar palmas!

Fazeio-o pelo Pôrto, e aproveitai este ano que o vento está de feição!... Para o ano, faremos todos por repetir a façanha.

E quando os campeões forem aclamados, lembrai-vos da célebre frase portuense:

FAZEI DAS TRIPAS CAMPEÃO

porque a MARIA RITA não esquece nunca de a repetir. Amen!

A Crise internacional manifesta-se sobretudo nas cabeças



Depois da boina feminina, "noves fora nada" na cabeça dos homens. — Vivam as cabeças descobertas!

— Abaixo as cuecas.

Meus senhores! De todos os lados se berra: Economias! Economias!

E este grito tanto pode vir de cima, dos altos poderes, como dos baixos.

E tôda a gente trata de economizar o mais possível: uns deixam de fumar... mas compram rebuçados...

Outros, deixam de ir ao teatro uma vez por mês e vão ao cinema duas vezes por semana.

Alguns, trocam os prazeres da mesa, pelo cemitério dos Prazeres.

E poucos fazem, realmente, economias.

Quem são os supraditos cujos?

São os cinéfilos. Habitados a ver os heróis sonoros dos filmes norte-americanos, que a maior parte das vezes não usam chapéu porque não caberiam no *ecran*, resolveram copiá-los.

Parecia mal, no entanto, dizer ao respeitável público que era uma macaque o facto de andarem em cabelo pelas ruas.

E nasceu então a bojarada da economia a desculpar o acto, que afinal é um acto de se lhe tirar o chapéu.

O que pensam disto os chapeleiros

E há menino que aproveitou com isso. Alguns conhecemos nós que só

assim conseguiram andar pelo Pôrto, de cabeça descoberta.

Outros que já usavam chapéus com respiradouros no inverno, trataram de o deitarem fora à entrada do verão.

E assim *sucessivamente*...

Era lógico que a MARIA RITA se avistasse com alguns dos representantes das artes elevadas. Por isso fomos a êles. O primeiro foi o Pereira Braga, da Rua das Flores, aquele que usa um bigode à Kaiser, de estarrecer.

Fala o Pereira Braga

— A moda da cabeça descoberta já vem dos visigodos. Foi no tempo de Roderico que os barretes vermelhos foram considerados anti-higiénicos. Mas se os chapeleiros fôssem todos da minha fôrça, quando viesse o inverno só venderíamos a êsses meninos chapéus de palha.

"E' verdade: diga lá na MARIA RITA, se faz favor, que vou lançar um novo modelo de chapéus: o chapéu à Waldemar.

Fala o Avelino Correia

Ouçámo-lo:

— O chapéu é tão antigo, que a sua origem perde-se na turba-multa dos tempos. E' por êle que os homens se diferenciam dos outros animais.

"Um chapéu não resguarda própria-mente uma cabeça; resguarda um cérebro que pensa. Quanto à conservação dos cabelos, é? uma léria. Veja Você isto, por favor: é por causa de usar chapéu que eu possuo esta avantajada cabeleira?"

Agora é a vez do Costa Braga

— O chapéu, meus amigos, o chapéu?...

Mas é verdade; os militares ainda não andam em cabelo, pois não?

Nem os polícias, nem os guarda-fiscais? Ainda bem!

O resto estará bem por economia. Por isso não podem trazer uma coisa muito tempo na cabeça.

Mas se é por economia e higiene, por que não deixam de usar também cuecas? Não acha que ficariam mais arejados?

Resultados

Foram péssimos. As fábricas de chapéus foi um ar que lhes deu. Algumas, estrangeiras, que traziam já a sua vida um pouco embrulhada com o voar das contribuições, com a diminuição de venda, tiveram de apresentar o seu verdadeiro estado: moratória aos credores, como é moda, hoje em dia.

O hino socialista vai ser modificado. Aquela celeberrima letra do

Francisco António da Costa Braga cisco, cisco, etc.

que p'ra proteger o pobre do operário mandou fazer uma chape... chapelaria a vapor.

Vai ser modificada para uma paste... paste... *Pastelaria de amor.*

Rapaz forte



— Joãozinho, olha que estragas os calções.

— Estes não são meus; são os do mano.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Uma das coisas mais curiosas na evolução humana é o desaparecimento de certas profissões, e o nascimento de outras, ao sabor dos rumos e desvios da civilização.

Se tu fosses dada aos estudos graves, às divagações a que um cheiro claustral de pergaminho empresta eruditas sonolências, eu dava-te o braço, sentava-te num banco incómodo em sala abobadada, trazia-te coiros de encadernação; e fazia, desta folha branca, uma pregadeira de citações.

Mas tu tens, como eu, uma sede mais risnha de superficialidades... Não vale a pena, por exemplo, focar a evolução e decadência do morto ofício de Bobo, que pôs Herculano a clangorar o seu bronze; para mais, essa não é talvez das profissões que morreram; — antes será das que evoluíram...

E' muito mais frizante acentuar o desaparecimento dos aguadeiros afacinhas; lembras-te? No tempo em que fixava, com reverência e custo, aqueles cinco desenhosinhos traiçoeiros que eram as cinco vogais — ainda pelas ruas os aguadeiros imperavam, atirando ao ar duas dessas vogais, numa alegria lúgubre, num *á-ú* que matava a sede aos ouvidos. Num dorso possante da Galiza, vascojeada pelo barril como dois delicítilos num estomago de bebedor, a água que transitava para o pote rosado e obeso, ganhara na rua uma tepidez animal que a tornava mais doce, mais mal empregada para abluções, mais rica ao paladar. Não era com certeza bacteriológicamente puríssima; mas tinha o bom senso de viver num período em que os escritores analisavam as frases, (outra profissão que morreu...) e em que os sábios ainda não analisavam a linfa...

Não sei se hoje, nalguma viela de Lisboa, passará ainda, casmurro e trópego, O Último Aguadeiro. O conservantismo tem às vezes dessas singularidades. Se vive, e apregoa, será esse o último dos moicanos — na profissão. A Companhia das Aguas, benéfica empresa que a seu cargo tomou o Alviela, o Contador, e a lusão, logrou vencer a turba de que, com um grande percevejo de cobre, um palmo de cano, e uma torneira, se resolvia o problema.

Resignadamente, o aguadeiro morreu, o barril recolheu-se a uma clausura mística de adega, e o pote abriu a boca à ninfalinha de metal amarelo que cravaram por cima, na parede. E' um mundo novo.

Outra profissão desaparecida é a de cavalo de carruagem de praça; (a de cocheiro evoluiu para a de motorista). A velha pileca que arrastava estúrdias para as hortas, num alacre chocalhar de ferragens, deve andar hoje, de olhos vendados e orelhas bambas, a tirar água de um poço em quinta de proprietário pelintra, que não possa ter bois... Um drama que daria longas e largas correrias pela floresta da conjectura.

E mais. Muitas mais. Em certas profissões conexas com o Amor, também se notam já prenúncios de morte. Camille Mauclair, num livro cujo nome me não lembra agora, defende, em síntese, este pensamento que é capaz de pegar: — E' preciso que haja virtude. E' preciso suprimir o pecado. E a verdadeira forma de suprimir o pecado é aceitar que não seja pecado aquilo que hoje, para nós, pecado parece. No fim de contas, se cada um, ou cada uma, dá o que tem, usa de um direito próprio. Risque-se essa dádiva generosa do rol dos pecados — e teremos virtude a rodos.

E' sem dúvida, MARIA RITA, uma verdade invencível.

No dia em que, no Catecismo e no Código, «matar», «roubar», e «desejar a mulher do próximo» desaparecerem como causas frequentes de Xelindró e de Inferno — indiscutivelmente o Limoeiro e a Penitenciária se despoçoarão; e Dante, se fôr percorrer os seus círculos... elei-

torais (como sabes a Divina Comédia foi uma obra política) achá-los-á povoados de tunicas brancas, de mãos diáfanas e puras que desfolham bem-me-queres...

Fácilmente visionarás pois, neste campo, uma profissão em perigo; não perigo de morrer, mas perigo de evoluir para uma espécie de sacerdotado; — ainda veremos nobilitados os numerosíssimos filhos da profissão.

Ora, MARIA RITA, aplicando todos estes ensinamentos à vida internacional, nós encontramos, sobre a face do mundo, uma vasta profissão em plena agonia.

Daqui te anuncio, para breve, a morte dos Diplomatas.

Não se te ponham os cabelos em pé. Não cuides que um vendaval de insânia agitou, como ventoinha doída, o sólido palpar das minhas circunvoluções. Não. A Diplomacia morreu; o Diplomata é um sobrevivente efêmero.

E as razões, sendo múltiplas, são simples. Nos bons tempos em que, de Lisboa a Madrid, a Carta, o Correio ou a Notícia, tinham de atravessar um rosário intermimo de dificuldades, de pactuar com os magnates do Pinhal da Azambuja, de galgar longamente brenhas e brejos, a missão do representante diplomático era profunda e alta. Ele era a única forma presente, visível e manifesta de um poder remoto que sem ele seria ignorado; e era o intérprete necessário da vontade longínqua a que servia; e era o espião conveniente, aceite, útil, em quadra que ignorava o jornal, desconhecia o telégrafo, e sentia, nas linhas de fronteira, altas barreiras de vedação e desconhecimento. Ele celebrava tratados, fazia e desfazia alianças, falava como o que era: — a voz presente de um Rei distante.

Hoje, não lembrando mesmo *La Carrière*, de Abel Hermant... — vemos isto: — uma a uma, caíram tôdas as razões que justificavam o diplomata. Se um ministro dos estrangeiros pode, quando quiser, atirar o seu pensamento de aqui a Berlim por um fio de cobre que lhe transmite as inflexões; se pode, nos casos de maior monta, ir pessoalmente, em meia dúzia de horas, fazer valer pontos de vista, — de que lhe serve, lá longe, um cavalheiro protocolar e dispendioso, que já não o substitui? De nada. Estamos a assistir todos os dias a pesadas e sonoras conferências internacionais.

Elas são, tôdas, realizadas sem diplomatas — e até sem diplomacia... Vão, em pessoa, os luminares de cada momento em cada nação. Vão os técnicos; vão os pirotécnicos (o defunto Briand foi o maior dentre estes). Mas diplomatas, propriamente diplomatas, nenhum pôe lá o atambrado pé. Creio que a famosa Conferência de Algeiras foi o último conclave de diplomatas. E mais. Para os postos considerados primordiais, para os postos verdadeiramente diplomáticos, — não vão os diplomatas chamados de carreira. Vão poetas, jornalistas, homenes eminentes por outros títulos. Porquê? Será lógico que, num exército, o posto de Marechal só pertença a civis? Não é. Mas o que é lógico é que, gradualmente, a diplomacia de carreira desapareça — visto que deixou de ter razão de ser. E o que ponho em foco são justamente alguns prenúncios claros desse desaparecimento. Oxalá se definisse de-prensa. Portugal tem lá fora, perdidos em postos diplomáticos estereis — porque todos e em todo o mundo são agora estereis — altas inteligências e lúcidos espíritos que, aqui, entre nós, conosco, ajudariam a formar o escol intelectual que nos falta. Chamá-los a exercerem aqui uma actividade necessariamente útil — lançar ao mundo, em sonoro pregão, a supressão da Diplomacia — mandar novos e activos caixeiros, moços e perspicazes agentes que vendessem o vinho do Pôrto, que colocassem

a cortiça, que impuzessem a conserva, aí tens em largos e vagos traços uma acção que chamaria sobre o nosso espírito rasgado a atenção curiosa do mundo; aí tens um rumo de indiscutível lógica em que, mais uma vez, nós seríamos os Precursores, dentro de um movimento inevitável; aí tens uma regra em que, com o que se poupava, e com o que se ganhava, lá fora e cá dentro, se teria de sobra para uma propaganda a tanto por linha, — a única linha que conta, a única linha que vale, a suprema linha, por muita que tenhamos os nossos diplomatas. Ah! Chamar para o nosso seio os valores que andam dispersos, porque mais nos servem aqui do que lá fora; e também algumas nulidades sem préstimo, que mais valera guardar em família... Dize lá que não era um alto e nobre propósito!

No fim de contas, eu também posso ter o meu programa ministerial. E tenho.

Mil saúdes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Factos incontestáveis

Em Holiwood foi contratado como encenador para uma das grandes fábricas de fitas o sr. Gabriel Rosca.

Congratulamo-nos vivamente com esta aquisição e felicitamos ardorosamente a laboriosa terra de Valongo.

E' provável que dentro em breve nos sejam apresentadas fitas de parafuso e documentários taxados.

— A revolução no Brasil continua. Consta que os federais atiraram com flores... da cunha aos revoltosos. Também se afirma que ganhará a facção que consiga obter o apoio do Lampeão? Ou nós não estivéssemos no século das luzes.

Poesia



Ela — A lua marimbando-se à superfície das árvores, mostra realmente um lindo panorama, não acha, Sr. Castro?

Ele — O', minha senhora, eu não sou cá do Pôrto.



Para o mote

*Quanto mais se paga a luz,
Tanto mais a luz se apaga...*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Quem aos pratos já reduz
Para o «barco» governar,
O cinto tem d'apertar
Quanto mais se paga a luz!
A meditar eu me pus
Em quem tanto nos «esmaga»,
Que lhe rogava uma praga
Se não fosse a Felisbela...
Quanto mais olhar p'ra ela
Tanto mais a luz se apaga...

SEPOL.

E' um negócio de truz
O aumento municipal
Mas todos disseram mal
Quanto mais se paga a luz,
Até apetece... ai Jesus!
Acabar com esta praga
Pois o que a gente já paga
Já custa bem a pagar
É ainda estar aumentar
Tanto mais a luz se apaga.

AMARANTINO.

Foi n'uma noite em Queluz
Que me disse este segrêdo.
Tenho cada vez mais mêdo,
Quanto mais se paga a luz.
Então meu manto lhe pus
Como quem um anjo afaga.
Quis dar-me então como paga
Os carinhos que lh'eu queria
E quantos mais lhe pedia
Tanto mais a luz se apaga...

LIZÉ.

Tenho uma prima de truz
Tiradinha das canelas,
Que abre e fecha as janelas
Quanto mais se paga a luz.
Tanta vez eu n'ela pus,
Um carinho que se traga,
Embora seja uma praga
Noite e dia a tôda a hora,
Até trashedor por fora,
Tanto mais a luz se apaga.

Zé do NORTE.

Esta é boa, é de truz
Até se lhe tira o chapéu,
E' cada perna, quando ao léu
Quanto mais se paga a luz,
Nesta altura cachapuz
Há um minuto que regala,
Que até se perde a fala
Mas logo em seguida,
A torcida é erguida
Tanto mais a luz se apaga.

REIROBI.

Porque a mulher não reduz
As contas que me apresenta,
Vejo aumentar a tormenta
Quanto mais se paga a luz.
Assim, a vida, é uma cruz
Que me definha e esmaga
Ante os filhos... uma praga!...
Mas lá vem a recompensa
Que entre os dois se não dispensa,
Tanto mais a luz se apaga.

(Ceia).

CAURA.

Por estes tempos tão gluz
Em que a vida quer ser clara
Tanto ela sai mais cara
Quanto mais se paga a luz,
Rapariga que se afaga
E' também luz que se paga
Pois ninguém ama às escuras
Mas quanto maiores loucuras
Tanto mais a luz se apaga...

(Lisboa).

Rui de VERAS.

Parece que temos juz
A ser bem iluminados...
Porém, somos mais lesados,
Quanto mais se paga a luz!...
No pensamento isto pus:
Que ladroeira... é uma praga!...
Gente honesta venha, e traga,
Luz melhor que esta mal vejo...
Quanto mais eu a desejo,
Tanto mais a luz se apaga!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

Coisa que não se traduz
E que também se não vende:
Quanto mais a luz se acende,
Quanto mais se paga a luz!
Um pensamento esmaga
Esta tão terrível praga.
E' que quanto mais se ateia
Com luz viva ou muito cheia,
Tanto mais a luz se apaga! ..

(Aveiro).

Zé MARIA.

Valei-nos aqui Jesus!
Dai-nos Sol de noite e dia!
Vêde que imensa agonia:
Quanto mais se paga a luz,
Mais ao Zé lhe pesa a cruz
E maior lhe fica a chaga.
Pobre Zé que tudo paga
Sem ao menos se lembrar
Que quanto mais se pagar
Tanto mais a luz se apaga.

MOLEQUITO.

N'este lampeão eu pus,
Uma esperança grande e vaga,
Calculando que brilhava,
Quanto mais se paga a luz.
O pensamento traduz,
O que a minh'alma agaga...
(Não se obtém, não se paga)
E' conceito certo e duro,
Quanto maior fôr o escuro,
Tanto mais a luz se apaga.

Rei LOURO.

Mais val'comer só xuxus
Que aturar tais diabruras;
Tanto mais se está às escuras,
Quanto mais se paga a luz...
É as colónias dos nus,
Que no mundo se propaga?!...
Não entendo — isto é uma praga
Por fôrça ou por sugestão...
Quanto mais civilização,
Tanto mais a luz se apaga!!...

ORQUÍDEA.

Bem pouco ou nada seduz
O pagar-se a luz tão cara
Pois ela é tanto mais rara
Quanto mais se paga a luz.
Contudo eu sempre supus

Com mais esta nova paga
Que o Zé Povinho esmaga,
Em vez d'ela ser bem melhor
Iremos de mal a pior...
Tanto mais a luz se apaga!

HORRÍVEL.

Confesso que nunca supus
Que a luz mais cara seria
Quanto menos me alumia
Quanto mais se paga a luz
E é um serviço de truz
E êles só dizem: paga.
Nem sequer Maria, t'afaga
Tu, Rita, se precisas dela
Dar-lhe-á logo a mazela:
Tanto mais a luz se apaga.

HORRÍVEL.

Mas que querem? Não me seduz.
E por isso «neste» entrei,
P'ra dizer da minha «lei»
Quanto mais se paga a luz.
Mais a ganância se «alaga»
Sendo «serviço» uma praga.
E o pobre Ze sem vintém.
Se protestas, diz-me alguém
Tanto mais a luz se apaga.

A. L. (MARIALVA).

A vida pouco reluz
E' uma coisa sabida,
Que passa por divertida,
Quanto mais se paga a luz,
Faz-se o jôgo e catrapuz,
A seguir lá vem a paga,
Com certo jeito que afaga
Muito coração perdido,
Que se sente diluido,
Tanto mais a luz se apaga...

Delfim de FREITAS.

Do mote anterior:

Mulheres boas, talvez cem,
Mas belas mulher's de truz,
Que tentariam Jesus,
Mariano diz que tem.
Duvido que tanto bem
Um filho de Zebedeu
Tenha na terra. No Céu,
P'ra consôlo dos mortais
Talvez iada arranje, ou mais,
O que há muito já perdeu...

MOLEQUITO.

Nunca ouvi ninguém
Que se pudesse gabar,
Depois de velho... encontrar
Mariano diz que tem,
Não sei quem é êsse alguém
Pois que um conheço eu
Depois que isso aconteceu
Só se anda a lamentar
Pois não há meio de chegar
O que há muito já perdeu...

AMARANTINO.

Três moedas de vintém,
Num saquinho de veludo
Com cordões, pingente e tudo,
Mariano diz que tem;
Mas p'ra cá de carro vem!...
O mocinho — afirmo eu,
Tem as manhas dum judeu:
No afam d'ferrolhar,
Julga que pode contar
O que há muito já perdeu.

AMARAL.

Mote para o próximo número:

*Depois que me encontrei nu
Quero casar e não posso.*

No próximo número publicaremos as restantes glosas ao mote desta semana que a falta de espaço não permitiu agora.

Dentro em breve a MARIA RITA abrirá entre os seus glosadores um formidável concurso, com prémios de valor.

Quem é?

Este simpático moço,
Que vende queijo e café,
E' por todos conhecido
Como um «ás» do pontapé.

E tanto à vontade êle anda,
No campo, a shutar co'a botá
Como anda no mar alto
A pescadinha *mar-mota*.

Anexim

O Mariano Retortas,
que é curioso a valer,
anda a escutar pelas portas,
à noite, por horas mortas,
e de dia, podeis ver...

Por estar d'ouvido alerta,
não sei que conversa houve,
que ficou de bôca aberta...
Diz a Rosa, que é esperta:
— "....." — (?)

ZARATRUSTA.

Decifração do número anterior: *Quem é?*
Pires Fernandes — *Anexim* — «Quem mais faz,
menos merece».

Matadores — Brancuras, Rei do Xispe, Bar-
tráquio, Tonca Barbas, Rei do Jazz, Cardial
Mina, Rei dos Borlistas.

Quadras populares

do

“Cancioneiro da Maria Rita,,

Mari'Rita, solteirinha,
Usa Fitas e Colaços...
Quando casar co'o Povinho.
Trará o Octávio nos braços.

Um 'scudo promete à gente
Uma Rita de mil graças;
Quando o escudo assim promete,
Que fazer? — largar as massas.

Ó fado que foste em fado,
Vê se arranjas, meu marau,
Cem formas de cozinhar
O fado do... Bacalhau.

Senhora Húmida (que as...seios!),
De asseada até reluz!
O nú... vê-lo: é lua cheia,
E os as-sócios são de truz.

Se a Senhora Húmida fôsse
Minha, como é da Invicta,
Abria uma suberção
P'ra um vestidinho de chita.

Migue-LINHO.

A higiene do Engrácio Pomadinha

Todo êle era higiene e asseio. Cha-
mava-se Engrácio Pomadinha, mas era
conhecido na rua onde morava, por a
expressiva alcunha de Profilático Lim-
poso.

Lavava as mãos mais de vinte vezes
ao dia. Primeiro empregava o sabão,
depois o sabonete para tirar o cheiro
do sabão, e a seguir a creolina para
matar os micróbios da água, que tinha
sido previamente fervida e desinfectada
com ácido fénico e sublimado corrosivo.

Para tomar banho, pedia quinze dias
de licença na repartição. Oito dias
ocupava o Pomadinha a preparar o com-
plicado banho, e os outros oito gasta-
va-os a mergulhar a sua profilática esté-
tica na linfa corrente e pura, que lhe
percorria os sítios mais reconditos do
corpo numa investigação paciente de
polícia da higiene social.

Ora como o Engrácio tomava banho
de quinze em quinze dias, só nos meses
que tinham trinta e um é que êle com-
parecia uma vez na repartição!

*
* *

Passava os dias a falar em água e a
remexer na dita. A linfa para êle era
tudo! Linfa para aqui, linfa para acolá,
linfa para cima e linfa para baixo! Era
o que se chama um homem verdadeira-
mente linfático!...

A limpeza era para o Engrácio, uma
obcecação, uma doença que o obrigava
às vezes a tornar-se ridículo.

Gostava muito de mãozinhas de
vitela e de chispe de porco. Quando
tencionava comer aqueles petiscos, man-
dava-os antes analisar num laboratório
e depois submetia-os aos raios X. Feitas
estas duas operações, o Engrácio em-
brulhava as mãozinhas e o chispe, e
despachava-os para a Figueira da Foz,
onde estavam um mês a banhos, com
recomendação ao banheiro para os fric-
cionar duramente com lixa N.º 2.

Quando os *banhistas* regressavam,
o Pomadinha mandava o chispe ao
calista e as mãozinhas de vitela à «ma-
nucure». Aparados os calos e enverniza-

das as unhas, ainda mergulhava o chispe
e as mãozinhas em água sulfurosa e
em sublimado corrosivo a 1 por 1932,
só depois, é que êsses profiláticos man-
jares culinários, entravam em contacto
com os dentes e o estômago do En-
grácio!

*
* *

Foi expulso da repartição por abun-
dância de zelo higiénico. Em que se
havia agora de empregar o destemido
higienéfilo? Não tinha habilidade para
nada.

Foi para actor.

No teatro onde conseguiu colocação,
ia principiar a ensaiar-se uma revista,
em dois actos, intitulada: «Sabão de
Potassa». O título agradava ao neófito
de Talma, que a propósito do nome
da revista, impingiu uma suculenta con-
ferência profilática ao pobre do ensai-
ador e ao nóvel autor que o ouviu com
uma paciência evangélica ficando abar-
rotado de dados higiénicos e indicáveis
sobre desinfectantes, para tôda a sua
vida e mais seis meses e dois dias.

No dia da distribuição dos papéis,
quando chegou o Engrácio, o autor
chamou-o e, entregando-lhe um rôlo
de papel de sêda, disse-lhe:

— Aqui tem, senhor Pomadinha.

— Mas isto o que é?

— E' o papel higiénico. E' um papel
que lhe está na *caixa*. Você vai fazer
um figurão!

LEIDOAR.

A ÚLTIMA HORA

Já depois de fechada a nossa página de in-
formações do estrangeiro, recebemos os seguin-
tes telegramas:

Rio de Janeiro, 5— Foi afixado nos lugares
do costume um edital chamando às fileiras todos
os habitantes masculinos do lugar de Bota Fogo.
Desta maneira dá-se uma economia de mu-
nições porque cada soldado dêstes bota-fogo
por si mesmo — (*Tretas*).

La Paz, 5 — A guerra é um facto. A Bolí-
via não pára de mecher, e de ameaçar o Para-
guay. Este por sua vez está quieto. Quer dizer:
enquanto bole a Bolívia, pára o Paraguay.
Questão de nome — (*Metro-Goldwin-Mayer*).



Primeiras representações

SÁ DA BANDEIRA

O SOLAR DOS BARRIGAS

Opereta em 3 actos, de Gervásio Lobato e D. João da Câmara, música de Ciriaco de Cardoso.

Antes de subir o pano

Casa au grand complet, como diria Sócrates se a morte não o tem arrebatado prematuramente do convívio grego.

Na plateia,—além do clássico e valente Grupo de Moços de Forcado, composto de alguns formosíssimos manebos de olhar inteligente e afáveis maneiras para estrêlas, embora de segunda grandeza—divisavam-se todos os sexos,—crianças, adultos, menores, alguns eclesiásticos *travestis* e vários militares sem graduação.

Todos os nossos ilustres confrades na difícil arte de criticar o próximo como a nós mesmos, lá se encontravam,—desde o insigne Edurisa, impecável e perfumado, até ao Mário de Figueiredo, que trazia a tiracolo a espingarda com a qual tantos leões trucidou no coração da Africa.

Ouviu-se as três pancadas de Molière, dadas por um adorável sarrafo,—e o Mestre Bernardo Ferreira surge, de lunetas desgrenhadas e batuta em riste. E a sombra do divino Ciriaco paira por sobre a orquestra...

A Peça

O *Solar dos Barrigas*, peça muito nossa conhecida desde a infância, é uma das obras-primas de Gervásio Lobato e D. João da Câmara,—dois rapazitos de algum talento—com a colaboração

musical de Ciriaco de Cardoso—um musicógrafo com alguma habltidade...

Mas, a verdade é que a referida opereta tem um gravíssimo defeito: A mais completa e desoladora ausência de pornografia!

Imaginem que pouca vergonha! Três actos intermináveis, toneladas de ditos espirituosos, de trocadilhos felizes e de situações engraçadíssimas,—e nem um palavrão indecente, sequer, para alegrar os pais de família e as meninas e matronas cinéfilas!

Irra! que já era preciso ter descaramento!

O Desempenho

Aqui para nós, leitores, não podiamos exigir mais numa peça de inverno, representada no verão.

Margarida Ferreira—Uma «Manuela» de primeira classe, capaz de enfeitçar todos os Ramirinhos de tôdas as aldeias e vilas e cidades de Portugal e Algarve.

Fernanda Coimbra—«Fifi» de linda voz cheia de ternura.

Maria Pinto e Laura Hirsch—esplêndidas e caricaturais.

Mercedes Gonçalves—Mudou de sexo e fêz-se «Ramirinho».—Nessa altura, apetecia-nos fazer o mesmo, armando em «cinéfilo», a ver se as bichas colavam...

António Gomes, Sales Ribeiro e Amélio—Três grandes artistas, brilharam como duas lâmpadas de mil e quinhentas velas.—Os restantes, melhor que bem.

A Música

Coros e Orquestra, Artistas e Conjunto, maravilhosos.

Não é por ser tripeiro,—mas a ver-

dade é que o nosso Bernardo Ferreira é um Az nestas questões de solfia!

Sarcey JÚNIOR.

DIZ-SE

—que o formosíssimo sultão da Rua do Bomjardim, Pires Bey Fernandes Pachá, vai contratar, para a próxima época, entre outras Companhias de seguro êxito, a Companhia das Docas, a Companhia Carris e a Companhia do Niassa.

—que o mesmo irresistível senhor acabou, de repente, com a *Agua fresca*, por não querer «Boys» no elenco nem água ao pé dos vinhos da sua casa...

—que o *Prato de Tripas* era iguaria muito pesada para o seu estômago maior de vinte-e-seis anos, feitos ainda há poucos lustros...



CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A célebre opereta *Letteira de Entre Arroios*.

Rivoli: A revista *Agua fresca!*

S. João: Não há bilhetes na casa.

Agua d'Ouro: A encantadora comédia *A fera amansada*.

Trindade: Espectáculos pela companhia Vianor.

Olimpia: Cinema sonoro.

Passos Manuel: O filme *Os fugitivos*.

Batalha: O filme sonoro e colorido *A ilha misteriosa*.

Concurso PIM-PAM-PUM

RESULTADOS

Damos em seguida os nomes dos concorrentes premiados:

Com direito aos prémios de 100 Escudos, lista dos que obtiveram mais de 16 pontos:

Maria Alice, Manuel Monteiro, Eugénia Ribeiro de Freitas, Rosa da Purificação dos Santos, António Alves, Jaime Lopes Coelho, Rui Manuel Marques Teixeira, António Artur dos Reis, Clé, Enor de Sá Gomes, Ramina ou Aromina, Augusto António Soares da Cunha, Arnaldo Lopes, Joaquim Charneira, Olha Pramisto, Rosa Branca, Rei dos Borlistas, Sezenem, Zecas Laimes, Zé Zabumba, Rosalina Cunha, José Vaz da Silva, João A. Correia da Silva, Calus, Laura Ascensão Silva, A. J. A. R., A. Sequeira, Olivia Rocha, Pica Chourifos, Anastácio Rodrigues, Elmano Simas, Gracinda Queiroz.

São ao todo 32 concorrentes. O total de prémios como sabem era de 1.000 Escudos.

Mas para que ninguém fique sem prémio resolvemos nós, dividi-los igualmente por todos. E assim, julgamos bem que ninguém terá o direito a queixar-se. Fica, portanto, à disposição de cada concorrente, na nossa administração a quantia de

35 Escudos

que poderão mandar receber quando entenderem contra a apresentação do coupon abaixo, devidamente preenchido e com letra igual ao coupon anterior que já temos em nosso poder.

Além disso todos estes concorrentes ficam com direito ao sorteio do aparelho de T. S. F. da marca R. C. A., a sortear no próximo Sábado 14 do corrente conforme os números de senhas que nesse mesmo Sábado lhes serão distribuídos na MARIA RITA.

Concorrentes com direito ao prémio de um livro no valor de 10 Escudos: são aqueles que obtiveram 16, 15 e 14 pontos:

António Alves, Amil Ocirema, Alberto Coelho da Silva, Eduardo Lopes Vieira, José Marques, J. Loureiro Capelão 3.º, José Eurico 1.º, José Eurico 2.º, Mariazinha Ritazinha, Miguel Hipólito Rodrigues, Kike Praça de Vasconcelos Gonçalves, Virão Cempaus, Greta Garbo, A. Pereira da Silva, Aida da Conceição, Guicha, Mário Rito 5.º, Rei da Sorte, J. A. R., Alvaro Meneses, Arlindo de Araújo Regalo, Artur Raul de Oliveira Marques, Bravo, Bonifácio Guilherme Silva, Chega-me Isso, Fernando Coelho da Silva, Foge que te agarro, Ercila, Fulião Barrote, Gardina, Maria Fernandes Couto, J. Aidrac Arutnev, J. Loureiro Capelão 2.º, José Marque 2.º, Joaquim Ferreira da Silva, José de Mascarenhas, D. Luísa Machado, Manuel Duarte Ramos, Manuel Martins da Silva, D. Maria Adelina Santos, Medeiros Martelo, Menino Manuel Júlio Teixeira, D. Maria Arminda da Conceição Silva, Tip Top, Zé Zecas Zécão, Cuco, E. A. de Sousa, Zequinha C., Secoalho, Oscar da Silva, Rosa Martins de Jesus, Arierref, Maurice Chevalier, Mário Rito, Mário Rito 4.º, João A. da Rocha, Irene Casimiro Barbosa Santos, Um ponto da Botica, António Alves 5.º António Dias de Almeida, Mimosas de Jesus Leal, Francisco Odemiro Novais Carneiro (Diro), Maria de Lima Querida Reis, Ernesto Lacerda (Adrecal), Francisco Oliveira Charneira, J. Loureiro Capelão 1.º, Belsai Belis, Chico dos Figos (Kikinho), Carmen Martins de Carvalho, Mazaruca, Alfredo Correia de Vasconcelos, Cardoso Pinto, Maria Júlia Martins de Lima, Dobrano, Um Preto que Tem a Alma Branca, Sua Ex.ª Eu, Homem de Gelo, Esperança, Alfredo Correia de Vasconcelos 1.º, J. Marques Anchião, Henri Garat, Amélia Pinto, Napoleão Bonaparte, J. C. Bareas, O Feliz,

José Moreira dos Santos, Manuel Moreira Martins dos Santos, António Merino, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, O Sr. do Universo, Vencerei?, Secoalho, Madame Bovary, Maria Alice Emilia, Maria Alves, Maria Helena Sousa, João Almeida, Inês de Brito, Rei Preto, Maria Laura Dias, Alice Armelinda Cruz, Berta Almeida Paiva, Maria Helena Rocha, Cristiano Santos, Júlio Magalhães, Emilia Almeida, Arménio Martins, Maria das Neves, Maria da Ressucição, João das Crastas.

Estes concorrentes poderão escolher entre os seguintes livros:

Heitor Campos Monteiro (José de Artimanha) — **Tribunal dos Pequenos Delitos** — Contos humorísticos.

H. Dupuy Mazuel — **O Jogador de Xadrez** — Romance.

Jean Hiery — **Corações Maguados** — Romance.

Pierre de Coulevain — **No Coração da Vida** — Romance.

Palácio Valdés — **A Alegria do Capitão Ribot** — Romance.

Campos Monteiro — **Santa Olívia** — Poema Dramático. **Contra a Maré** — Contos e Crónicas.

estando qualquer dêles à sua disposição na nossa administração e ser-lhe-á entregue nas mesmas condições acima. Igualmente a todos será distribuído um número para o sorteio do aparelho de T. S. F.

Concorrentes com o direito apenas ao sorteio do aparelho R. C. A.: são aqueles que obtiveram por cima de nove pontos, 10, 11, 12 e 13 a quem será distribuído igualmente um número para o sorteio no próximo Sábado:

Manuel de Carvalho e Sousa, Adriano Emilio Fernandes, Farm, António Alves 2.º, António Alves 1.º, Luciano da Rocha, Maria de Jesus, M. Viana, Carlos José de Almeida, Manuel Tino, Maria Cândida Teixeira, Mónico & Sandalha, Francisca Teresa Soares, Fra Dick, Maria Paula, José Manuel Moreira, Liberto, Mário António Santos, José Braga, António Ferreira Gonçalves, José dos Santos Oliveira, Arsénio A. Nunes Pereira, Maria Dulquer, Greta Garbo, Saxias 3.º, José Martins, Kika, António Pires de Figueiredo, F. Leal Júnior, Astra, Rodrigo da Silva, Joaquim Moreira Martins dos Santos, Rei sem Trono, J. Ribeiro, António Vicente da Rocha, O Sol da Ásia, Alvaro Moreira, Romeu Pereira, Francisco Fernandes, D. Afonso Henriques, Fan-Fan, José dos Santos 21, Judex, José Marques 5.º, José Marques 4.º, José Marques 3.º, José Tavares Brandão, Arlindo Joaquim Pinto da Fonseca, Emilia da Trindade Soares Colaço, F. Aidrac, Manuel Cardoso de Vasconcelos, José Mendes, Manuel da Silva Guimarães (Rei do Orco), José Rubens Martins, Manuel de Brito, Vitor José, Carlos Alberto da Silva Campeão, Granada

Maneca, António da Fonseca Soares Júnior, Carolina Vasconcelos, O Sol da Ásia 2.º, M. Ribeiro da Fonseca, José Ferreira Ramos, José de Barros, Emilia Gonçalves, Mário Pereira de Carvalho, Tailleir 1.º, Cafate 2.º, Manuel Alberto Teixeira, (Elmano XX), Anferes Esporão, O homem que nunca ri, José Pires, Manuel Carlos Maia, Orlando Lopes Fial, Mário Rito 2.º, Mário Rito 3.º, Zénabica, Burrié, W. Xª, José Albertino Nogueira Alves 1.º, José Albertino Nogueira Alves 2.º, João Tino, Emilio Tavares Vieira, Maria Adelaide Fernandes, Emílio Vasconcelos, João Manuel Jardim Aranha, Armando Carvalho, Carlos Alberto das Neves Teixeira, Pedro Ribeiro Colaço, Serafim Parente, Raul de Deus Real, Maria de Lourdes Quintanilha, Herculan Mendes, Manuel Marques de Figueiredo, Gubipilo, Maria de Lourdes Fernandes Noutel, Eurico Brandão, Adelino Mendes Leal, José Loureiro, Hilário Albano, Brilhante, Mar Morto, Flor e Margarida, Daniel Gomes, Amílcar Almeida de Oliveira, Lígia Bastos de Oliveira Marques, José Almeida Gonçalves, Angelo de Meneses, Zabel Zinha, Alto Certificâncio, António Alpoim e Meneses, Fernando Avila, António Cândido Flores, Dr. João Beleza, Manuel de Carvalho e Sousa, António Carneiro, Maria Teresa, Alfredo Valente Serrano, António Rodrigues da Graça, Maricas, José Amadeu Martins de Sousa, Manuel Simões de Figueiredo, Rosa Rocha, Maria Lucinda, Mário Luís Pereira, Conde de S. Gens, Julião Moreira, Elizinha Pinto, Mário Luís Souto, Alice Santos, Maria Regina Mendes, Maria Celeste Pereira, Ludovina Pimba, Rita Saraiva, Gracinda Frias, Teresa Campos, Alberto Queiroz, Pedro Garcia, Florentino Moreira, Eduardo Silva, Cristiano Costa, Maria Rosa Lopes dos Santos, José Alves Pinheiro, Durval Arnaldo Pereira de Brito (O casaquinhas), José Marques 6.º, Artur Carvalho Júnior, Henrique H. Cruz, Lutero Lourenço Correia, Virgílio Mota Veiga, Napolpa, Humberto J. Branco, António Soares de Sousa, J. Rodrigues da Silva, António Carvalho, João do Minho, Maria Lígia Pereira, Manuel Alves, A. Baganha, José Baltasar Teixeira, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Rogério Pereira Braga, Henrique C. S. Martins, Estêvão Hugo Aragão, Miss Esfinge, Zeca do Olho Preto, Barba Azul & C.ª L.da, Maria Teresa, Joaquim Jorge Martins de Lima, Claustro Jaques d'Abre.

N. B. — A todos os concorrentes com direito a prémio, que até à data nos não enviaram o coupon que publicamos no número passado, rogamos o favor de o fazer até à próxima Quarta-feira, para que nos não coloquem no papel ingrato de os desclassificarmos.

E agora ao nosso novo concurso semanal do

Automóvel-Mistério,
cujo plano publicamos na 16.ª página.

Coupon

Pseudónimo.....
Nome.....
Morada.....
Número de pontos arbitrados.....

Os Concursos da "Maria Rita,"

O acolhimento do público ao nosso primeiro concurso de Pim-Pam-Pum (e dizemos primeiro, porque havemos de fazer segundo se Deus nos der vida e saúde) foi de tal forma gentil e animador que não podemos por nenhum motivo deixar de corresponder a êsse acolhimento.

E como? Pensamos nós.

—Da maneira mais simples .. respondeu-nos o homem das Artimanhas cá da casa.

Fazendo um novo concurso, mais rápido, mais simples e da mesma forma lucrativo.

Foi assim que nasceu a ideia do *Concurso de Setembro*, ou

o Automóvel-Mistério

concurso simplicíssimo e que se resume nisto:

A MARIA RITA publicará tôdas as semanas um mapa de Portugal (parte Norte do Tejo) Nesse mapa será representado gráficamente o seguinte:

- Diversas cidades importantes
- Diversos rios principais
- „ monumentos célebres
- Diversas estâncias termais
- „ praias da beira-mar.

Depois, cada semana a MARIA RITA perguntará aos seus leitores.

Qual é o itinerário do

Automóvel-Mistério?

E dirá para facilitar, que nessa semana o automóvel, terá de atravessar tantos rios, passará tantas praias ou termas, visitará tantos monumentos, e parará em tantas cidades.

Restará ao concorrente o adivinhar quais as cidades, os rios, etc., que

o Automóvel-Mistério

atravessará.

PRÉMIOS

Ao concorrente que adivinhar o itinerário certo, o qual terá de ser desenhado a tinta no próprio mapa que a MARIA RITA publicará,

500\$00.

Aos concorrentes que derem só 1 erro: três prémios de 100 escudos, ou sejam

300\$00.

Aos concorrentes que derem só 2 erros: quatro prémios de 50 escudos, ou sejam

200\$00

aos concorrentes que derem só 3 erros: cinquenta prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor, ou sejam:

500\$00

E aqui tem V. Ex.^a um concurso do

Automóvel-Mistério

simples, rendoso e rápido visto que é tôdas as semanas. Os mapas já marcados, terão de ficar em nosso poder até à quarta-feira seguinte, para se fazer o apuramento de acôrdo com o verdadeiro itinerário que a MARIA RITA publicará, e estará patente ao público, devidamente lacrado e selado como de costume, nas montras da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.